

PARA UM REPENSAR DA ÉTICA SEXUAL CRISTÃ NA PÓS-MODERNIDADE: EDUCAR O HUMANO SUPERANDO A TIRANIA DO PRAZER E DO CORPO FRAGMENTADO

*André Luiz Boccato de Almeida*¹

FOR A RETHINKS OF CHRISTIAN SEXUAL ETHIC: TO TEACH TEH HUMAN, OVERCOMING FROM THE PLEASURE TYRANNY AND FRAGMENTED BODY

Resumo: A relação entre corpo, sexualidade e religião nem sempre gozou de muita harmonia e simplicidade em sua relação. Historicamente houve muitos desentendimentos devido ao paradigma antropológico dualista que imperou no Ocidente cristão. Com a modernidade e agora na pós-modernidade, muitos destes paradigmas se tornaram ultrapassados e envelhecidos. O ensinamento oficial da Igreja Católica nem sempre conseguiu com o seu “*magisterium*” uma abertura no trato do tema. Urge um repensar de uma ética sexual cristã num contexto de fragmentações e reducionismos éticos. Mais que resgatar uma compreensão integral da sexualidade humana, vimos por necessário aqui, uma mudança de mentalidade acerca do ser humano, propondo a este, hoje, uma superação da tirania do prazer e do corpo fragmentado.

Palavras-chave: Corpo. Pós-modernidade. Prazer. Sexualidade. Educação.

Abstract: The relationship between body, sexuality and religion has not always been harmonious and natural. Historically there has been many misunderstandings due to the dualistic anthropological paradigm that reigned in the Christian West. With the coming of modernity and now post modernity, many of these paradigms have become outdated and superseded. The official teaching of the Catholic Church does not always succeed with its “*magisterium*” to dialogically address the topic. It is urgent to rethink Christian sexual ethics in a context of ethical reductionism and fragmentation. More than redeeming a full understanding of human sexuality, we need here a change of mindset about the human being; we propose the overcoming of the tyranny of pleasure and of fragmented body.

Keywords: Body. Post-modernity. Pleasure. Sexuality. Education.

Introdução

Vivemos numa época caracterizada por uma grande incerteza e tensão, em todas as esferas da vida, e, principalmente no que se refere à vivência dos valores. Os três elementos que, no passado, ofereciam segurança – família, religião e comunidade – vão perdendo a própria influência frente ao devastador contexto pós-moderno, e o ser humano encontra-se sozinho diante de seus problemas, não sabendo lidar com o prazer, dimensão fundamental de sua vida, e nem

¹ Frade Dominicano (Ordem dos Pregadores). Mestre em Teologia (Moral) pela PUC-SP. Especialista em Educação Sexual (UNISAL-SP). Bacharel em Teologia (EDT-SP). Licenciado em Ciências Sociais (FAFICA-PE). Psicanalista. Professor de Ética Cristã na Escola Dominicana de Teologia (EDT-SP). E-mail: andrebcato@yahoo.com.br

com o seu corpo que, agora fragmentado, também fragmenta sua individualidade e sua percepção como sujeito no mundo.

O prazer, que em décadas passadas era uma dimensão existencial não valorizada, passa a ser, a todo momento e de modo frenético, o centro da atenção da sociedade pós-moderna e pós-moralista. O corpo, manipulado por técnicas, se torna o lugar mais distante para que o ser humano possa alcançar sua individualidade. O humano é lentamente destituído de sua dignidade e humanidade quando sofre as inúmeras consequências de uma corrosiva tirania do prazer e um obstinado culto do corpo fragmentado.

Queremos, mais que denunciar este processo tirânico e fragmentalizador do prazer e do corpo, propor alguns caminhos ético-educativos viáveis, para uma re-significação do humano que clama um corpo individualizado-humanizado e busca um sentido numa forma de prazer plena em comunhão com os outros.

O processo educativo, nessa complexa realidade pós-moderna, não pode deixar de tratar o discernimento enquanto propiciador para uma formação da consciência que visa a autonomia. Sentimos que hoje não basta constatar que se deve buscar o prazer para ser feliz; propomos encaminhamentos que eduquem para o pleno prazer da vida. Por fim, sentimos a necessidade de propor uma educação para a vivência da sexualidade na sua integralidade.

Educar para uma visão integral da corporeidade

A mentalidade pós-moderna impede que o ser humano pense a vida na sua totalidade. O corpo tende a ser visto conforme o foco de quem olha a partir de interesses subjacentes. Sendo assim, torna-se necessário educar o olhar, isto é, educá-lo para uma integralidade que favoreça uma concepção do corpo e do humano que aqui chamaremos de “corporeidade”.

A corporeidade não é um elemento inteiramente acidental, mas uma realidade fundamental, tanto do ponto de vista do ser quanto do existir. Todo indivíduo deve aceitar e amar o próprio corpo e compreender a sua linguagem, já que o corpo fala. Fala a quem o possui e aos outros. A corporeidade é um fator estruturante do nosso psiquismo. A soma das representações do corpo e dos seus órgãos, a assim chamada imagem corpórea, é muito importante para a formação do Eu. (DACQUINO, 1992).

O corpo não é somente uma soma de sensações e de inter-relações psíquicas. É um meio de comunicação, uma via privilegiada para se entrar em relação com os outros. (DACQUINO, 1992).

Somos seres biológicos, psicoafetivos, sociais, éticos e espirituais. O corpo não é só o biológico isoladamente. Ele é esse todo que se manifesta segundo cada uma dessas dimensões. Contudo, não podemos negar que é na materialidade do corpo que se cruzam prazeres e desprazeres. É também na materialidade do corpo que se concentram todos os poderes e saberes. É nele, ainda, que a sexualidade encontra sua sede. O corpo é algo complexo e amplo que necessita estar integrado enquanto corporeidade. (MOSER, 2003). Moser, nos ajuda a pensar o corpo na sua integralidade como corporeidade:

A corporeidade ou corporalidade é, segundo Zilda Ribeiro, própria do humano, ultrapassa o fenômeno físico e não se identifica com ele. (RIBEIRO, 1998).

Durante séculos, fomos devedores de uma concepção de corpo totalmente desprezada em detrimento da alma. Não se falava em corporeidade. Em nossos dias, por outro lado, em que predomina a imagem visual, a televisão, o cinema e os jornais impõem à atenção modelos estéticos um tanto elevados e inalcançáveis, do físico atlético do esportista ao flexível da bailarina, do belo rosto da apresentadora ao imponente jovem ator ou cantor. Tudo isto comporta, para o “indivíduo comum”, uma maior dificuldade em aceitar-se e em valorizar-se, inclusive corporalmente. (DACQUINO, 1992).

Filosoficamente, a categoria de corpo contribui enormemente para uma visão integral de corporeidade. Lima Vaz nos ajuda a compreender que essa categoria filosófica pode ser a possibilidade de superação de todo dualismo, quando relacionada com todas as dimensões humanas e integradas entre si. (VAZ, 1993).

Queremos ressaltar o conceito de corpo que englobe a totalidade do ser humano, como ser aberto e com inúmeras possibilidades e disposições, cujas relações e ações ampliam o próprio corpo. Corpo-relação-consigo-próprio na integridade e, ao mesmo tempo, relação-com-o-Outro-e-os outros.

No processo de educar para uma visão integral da corporeidade, é fundamental elucidar alguns “atentados” contra a consciência humana que impedem uma visão integral. Um primeiro

“atentado” é fruto da cultura “perturbada” que vivemos, que nos manipula, gerando equívocos entre imagem e realidade. (RIBEIRO, 1998).

Portanto, a educação para uma visão integral da corporeidade necessita de um olhar crítico sobre todas as imagens que nos são impostas e pelas quais somos bombardeados por todos os lados. Questioná-las é um exercício de busca da integralidade.

Um outro caminho educativo para favorecer uma verdadeira e integral corporeidade é a consciência de que o corpo humano não existe isoladamente: ele é parte integrante da vida do planeta e de todo o sistema cósmico. (CAVALCANTI, 1992).

Nesse sentido, o corpo não está separado da pessoa que pensa e age. Ele é a pessoa à medida que existe. Não basta apenas falar sobre a importância do corpo mas, sim, resgatar em um processo educativo a longo prazo sua dignidade e integralidade.

Esta integralidade se dá no reconhecimento da ampla importância para a consciência humana da experiência; é através do corpo que a consciência está no mundo, mas também o mundo aparece através do corpo. O corpo indissociável do eu (COMPAGNONI, 1997).

Portanto, percebemos a urgência de uma educação para uma visão integral da corporeidade que possa salvar o humano diante de um mundo fragmentado e dualista. A educação moral e o empenho moral propõem-se o mesmo fim que é a realização do ser humano como pessoa pela interiorização dos valores morais. A corporeidade, enquanto estrutura condicionante da vida pessoal, marca profundamente todo o dinamismo moral da pessoa.

Educar para uma visão integral da corporeidade é buscar a plenitude do humano no cotidiano da vida, pois a pessoa realiza a totalidade do seu projeto ético graças ao fato de existir “na carne”, isto é, por meio da sua condição corporal.

A visão cristã da corporeidade, enquanto totalidade do ser humano, é uma proposta integradora que nos possibilita uma maior busca de equilíbrio e uma superação dos extremismos, principalmente, a tirania do prazer. A corporeidade é o modo específico de existir e de operar próprio do espírito humano (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983).

Pelo corpo, portanto, existimos no mundo e revelamos nossa identidade de seres abertos à transcendência e não apenas à imanência. O corpo revelando o homem a ele mesmo e ao outro, também revela o Outro, isto é, Deus: o corpo contribui a revelar a Deus e o seu amor criador,

enquanto manifesta a criaturalidade do homem, a sua dependência de um dom fundamental, que é o dom de amor (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983).

Portanto, a educação para um sentido pleno da corporeidade passa pelo cultivo e sentido da dimensão transcendente nas relações consigo e com o outro. Só educa para a integralidade do corpo quem se deixa penetrar por este sentido existencial e de completude como manifesta a visão cristã.

Educar para o discernimento e a autonomia relativa

As novas tecnologias da informação e telecomunicação deram origem a novos tipos de espaço, alterando nossa relação com o mundo físico e com as inúmeras situações complexas. Temos dificuldade de decidir porque perdemos a visão do todo e, assim, não conseguimos discernir. Não conseguindo discernir, sentimo-nos frágeis em nossa autonomia. Já que o discernimento está em função da decisão, esta só se entende a partir da liberdade fundamental do projeto, isto é, uma liberdade situada em diálogo com outras liberdades.

Queremos, então, aqui, considerando a complexidade tanto cultural como humana, propor pistas educativas para o discernimento e para o exercício da autonomia. O exercício do discernimento é importante na formação ética do sujeito, pois exige deste a formação do ser caráter segundo a virtude da prudência (BELLOSO, 1978).

Em se tratando de discernimento, dimensão fundamental da vida moral, três questões devem ser consideradas: qual é o resultado ou a meta a ser alcançada? (consequencialista); qual é a obrigação ou o dever a ser cumprido? (não-consequencialista); qual indicação o contexto ou a situação oferece para se poder assumir uma postura ética? (contextualista). São três perguntas diferentes que orientarão a tomada de decisões de modos diferentes, com resultados diferentes; são instrumentos valiosos para a análise ética e explicam por que as pessoas chegam a conclusões morais diferentes diante de um mesmo fato (MAY, 2008).

Mas qual a ligação entre o constante exercício do discernimento e a busca da autonomia ? O sujeito que discerne não é um absoluto incondicionado, mas o que se encontra já com uma série de influências que escapam do ordinário de sua vontade. Nunca se situa de forma neutra diante de suas decisões, pois já está afetado por sua estrutura psicológica, com todo o mundo de experiências passadas e de sentimentos diante do futuro, que o estão condicionando. Esforçar-se por reconhecer a situação pessoal concreta a partir da qual se efetua é uma condição

imprescindível para não espiritualizar excessivamente o que se explica por outras razões. (AZPITARTE, 1997).

Dentro deste raciocínio, percebemos que o discernimento não se realiza de forma simples e automática. É fruto de um constante exercício de auto-conhecimento. Está engajado e recebe a sua luz não apenas e nem principalmente da fria claridade da racionalidade científica, mas da qualidade humana e espiritual do sujeito (SIMON, 1978).

Para Simon, na doutrina tomista, pode-se designar por discernimento prudencial o julgamento da reta consciência, enquanto esteja sob o dinamismo da virtude da prudência (SIMON, 1978). Para Tomás de Aquino, a prudência é a reta razão no agir, ou seja, a retidão prática que ordena o ser humano ao bem e exige do agente moral a retidão. Nessa perspectiva, são os fins da vida humana que remetem aos valores fundamentais em torno dos quais se organizam as virtudes e a vida humana. A prudência não pode determinar os meios de chegar a estes fins, a não ser que sua intenção habitual esteja assegurada pelas virtudes morais.

O discernimento necessita da prudência. Um auxilia o outro e, ambos, levam à uma autonomia frente às situações da vida. O discernimento prudencial aparece como atividade fundante para o ser humano, levando-o a se confrontar lucidamente com todos os fatores implicados numa determinada situação real (BELLOSO, 1978).

Uma verdadeira educação para o discernimento e para a autonomia, segundo Rupnik, percorre duas etapas fundamentais, que integram em si a dimensão religiosa do ser humano: *“os mestres distinguem duas etapas do discernimento: uma primeira, purificadora, que converge para um autêntico conhecimento de si em Deus e de Deus na própria história, na própria vida, e uma segunda, na qual o discernimento se torna habitus”* (BELLOSO, 1978).

A primeira etapa, purificadora, traz em si um elemento substancial para o exercício do discernimento: a memória. Esta nos coloca em contato com nossa história, desejos, sentimentos, pensamentos e relações (BELLOSO, 1978).

O ser humano pós-moderno, fragmentado e destituído de sua memória histórica, necessita de um processo educativo que leve em conta tanto o discernimento como a memória, em contínua relação com as pessoas que também facilitam, no diálogo, o encontro consigo mesmas, impelindo-as a viverem autenticamente.

Para que o discernimento se torne um *habitus*, além de resgatar a dimensão memorial da história individual e ampla da pessoa em relação, torna-se fundamental aprender a estabelecer relações que sejam significativas (BELLOSO, 1978).

Nesse sentido, necessitamos, além do discernimento, educar e formar o ser humano para para que este seja menos individualista (narcísico) e mais relacional, isto não significando a anulação do sujeito. A pós-modernidade, radicalizando a individualidade, impede que o sujeito cresça equilibradamente nas relações com os outros, correndo o risco de levar a pessoa a se adentrar num verdadeiro ostracismo. Outro risco que advém dessa excessiva cultura racional, tecnológica, habituada a organizar e ordenar, é o de “formatar” regras de discernimento análogas à técnica, tornando-de uma espécie de método para entender a Deus, o eu mais profundo e “decifrar” sua vontade isoladamente de outras dimensões fundamentais do discernimento como a memória, a inteligência e o sentimento.

Educar para a autonomia e o discernimento significa, num contexto pós-moderno, superar a visão de que a consciência precisa, para ter segurança, ser formada por um crivo autoritário. Este esquema educativo e formativo da consciência não funciona mais hoje, num momento em que a autonomia se tornou o grande bem almejado por todos, o seu oposto se torna um empecilho. Sobre a importância da autonomia para a maturidade, vale considerar que, se quisermos viver de modo adulto, não basta a simples obediência à lei, a submissão ao que é mandado pela autoridade, sem sabermos dar uma explicação motivada de nossa conduta. A justificação última sobre a bondade ou a maldade de uma ação nunca poderá ser encontrada no fato de que ela foi mandada ou proibida, mas sim na análise e no estudo de seu comportamento interno (ORDUÑA; AZPITARTE; BASTERRA, 1983).

Portanto, educar para o discernimento e para a autonomia, no atual contexto pós-moderno implica abertura às indagações do tempo presente em comum acordo com as potencialidades que o ser humano traz em si. Uma proposta moral externa e autoritária não educa, mas impede que a pessoa floresça. Por outro lado, somente cultivando a responsabilidade na convivência, é possível respeitar a autonomia de cada ser humano, e assim, erigir o discernimento como a sabedoria que possibilita a reflexão e a vivência prudencial em meio às decisões a se tomar diariamente.

Educar para um sentido pleno do prazer

As novas gerações não se pautam mais pelo dever. Pautam-se pela total vazão e realização imediata do prazer, quase sempre, sem noção das diretas consequências. A extrema valorização do “eros” desestimula o pensar. Estímulos e bombardeios contínuos para a vivência “aqui e agora”, impedem a criação dinâmica de um projeto de vida. Por fim, a desumanização sutil e inconsciente vaga sobre essa égide do total desfrute do prazer.

Oferecemos aqui uma proposta moral educativa que coloque o prazer no seu devido lugar, rompendo com a cultura tirância do total desfrute do “eros” e resgatando seu sentido pleno no atual contexto pós-moderno.

A idéia de educar o prazer em conformidade com a busca da felicidade de forma equilibrada é tão antiga como as formulações éticas. Muitos filósofos já elaboraram este ensejo. Nesta busca de educar o prazer e a vida afetiva em seu todo, pretendia-se dar respostas aos anseios humanos mais profundos (PLÉ, 1984).

Entre a felicidade e o prazer não deveria existir oposição. Mas quando o prazer é tratado de modo absoluto, corre-se o risco de vivê-lo como fim e não como meio, tornando-se incapaz de ajudar a ir além de si mesmo. Podemos dizer que, no contexto pós-moderno, o prazer imediatista é tratado como totalidade, despersonalizando e desumanizando o ser, a ponto de ele perder suas referências rumo a uma felicidade que se realiza como um processo.

A pós-modernidade abandona a idéia da gradualidade da experiência do prazer, como também a de amadurecimento gradativo da pessoa, pois descarta a memória histórica e afetiva, focando-se no indivíduo enquanto sujeito que quer se realizar no imediato momento, mesmo que para isso, deva compensar os vazios existenciais de inúmeros modos segundo o prazer individualizado (DACQUINO, 1992).

Há um lógica atual que tenta seduzir as pessoas ao consumo desenfreado, não se importando em propor a elas uma visão íntegra e integral do prazer.

O desejo, portanto, se reduz e se fragmenta numa vivência restrita do genital e esta é manipulada pela mídia e pelo capital, pois dessa modalidade de vivência muitos podem tirar seus lucros. Por um lado, há o impedimento de uma vivência integral do prazer imposto por esses mecanismos da civilização e da cultura; por outro, há um impedimento ontológico e existencial arraigado na

cultura. A busca pelo prazer se dá mediante contínuos conflitos e nunca se chega à satisfação plena e durável.

O prazer, assim como o desejo, necessita de contínua educação. A criança, por exemplo, necessita de acompanhamento. (JUNGES, 1995).

A pessoa necessita, portanto, desde a infância, de uma educação para o sentido pleno do prazer. Esta será a base ao longo do processo de humanização que se dá durante toda a vida. O processo não deve ter como critério a total satisfação dos prazeres imediatos, muito menos, o seu desprezo, mas sim um devido espaço entre tais posturas. A tensão consequente é benéfica quando o amor é o fim e o prazer, um meio para fortificá-lo.

Constata-se que a impossibilidade de vivenciar e compreender o amor se dá devido aos excessivos dualismos que vivemos e introjetamos. Os gregos, em sua obstinada busca pelo princípio das coisas, por meio de mitos nos ensinam muitas verdades. O mito do amor-eros, talvez, pode nos ajudar a situar esta complexa integração do prazer em um sentido pleno que se efetiva no amor.

Visto que o amor está além das idéias, não é possível dizer claramente o que ele é, recorrendo simplesmente à interpretação racional. Eis por que Sócrates trata de exprimir o que é o amor recorrendo ao mito. (PHILIPPE, 1998).

O nascimento do amor – eros é fruto do encontro extraordinário entre Pobreza e de Engenho. Este, em sua superabundância, não pensa em mais nada senão em repousar. A Pobreza, ao contrário, é toda atenta, sem qualquer direito. É interessante notar algo: como a Pobreza não tem nada, ela não pode ser senão espera, espera daquilo que deve dar um sentido a sua vida. Ela não pode senão roubar a fecundidade, pois nem sequer pode mendigá-la; ela seria rejeitada e ela sabia isso. Engenho tem tudo e está satisfeito, não espera mais nada. Nada pode aperfeiçoá-lo, eis por que ele dorme e gera dormindo.

Philippe quer mostrar que este banquete se dá na casa de Afrodite (beleza) e que Engenho e Pobreza aí estão presentes. Eros, filho dos dois, tornou-se companheiro e escudeiro de Afrodite, porque foi concebido no mesmo dia do nascimento da deusa e também por que Eros é, por natureza, amante do belo, e Afrodite é bela. O amor (eros) implica beleza, porque nasceu à sombra da bela Afrodite. Tal é a originalidade do eros. Ele não é um absoluto e um princípio. Teve um nascimento divino quanto a seu pai e está além do nosso universo e do nosso tempo. No

entanto, devido ao fato de que nasceu, é relativo e dependente; ele é relativo ao belo (PHILIPPE, 1998).

Desse mito grego podemos colher uma proposta educativa para uma vivência plena do prazer no contexto pós-moderno: o prazer necessita, para ser humanizador, estar ligado e integrado num projeto de vida, sendo sempre relativo. Não pode ser vivenciado de modo isolado. O prazer, tendo como referência o desejo e o amor, pode ser vivenciado plenamente com consciência e responsabilidade; porém, nunca deve ser absolutizado em si mesmo.

Educar para o sentido do prazer no contexto pós-moderno não é uma tarefa simples. É um processo a longo prazo, que caminha junto com o exercício do discernimento e a formação da consciência. Requer do educador uma atitude de constante flexibilidade, já que o protagonista não é ele, mas o próprio indivíduo que sente a necessidade de integrar o prazer no todo da sua vida e que tem consciência de que é um ser prenhe de contradições e desejos contrapostos. (AZPITARTE, 1991).

Educar para um sentido pleno do prazer é, ao mesmo tempo, questionar a cultura do descartável e desprezível, presente numa concepção ética utilitarista pós-moderna e encontrar elementos humanizadores que possam favorecer um verdadeiro processo de aprendizado eficaz. Por outro lado, educar para o prazer é um processo que deve respeitar a individualidade de cada pessoa e a sua responsabilidade diante das decisões a serem tomadas.

Educar para uma vivência plena da sexualidade

Seguindo apenas os impulsos, não se consegue viver a sexualidade de forma autenticamente humana. Faz-se imprescindível uma educação em todos os sentidos para superar o estágio infantil e egoísta no qual só se busca a satisfação imediata dos próprios apetites e caprichos. Se se quiser alcançar um mínimo de maturidade e equilíbrio humano, a conduta, aberta para qualquer possível configuração, necessita de um esforço ascético e de uma séria dose de renúncia (AZPITARTE, 1991).

Queremos aqui propor uma educação para o sentido pleno da sexualidade no contexto complexo da pós-modernidade. Mas antes de fazer isso, percebemos a necessidade de apresentar alguns critérios norteadores para uma vivência integral da sexualidade, a fim de que possa ser inserida e gerida no atual contexto (AZPITARTE, 1991)

Um dado inicial e importante para se pensar a sexualidade num sentido pleno, é o de que a ética dá sustentação a uma visão integrada de sexualidade à medida que esta é compreendida em um projeto de vida amplo. A ética quer apenas propor um itinerário em nossa aventura humana para obter o que parece digno e desejável.

Um critério norteador para a vivência integral da sexualidade é o de optar por uma verdadeira antropologia unitária e não dualista do ser humano. O dualismo, que historicamente se revestiu ora de rigorismo, ora de permissividade, se fundamenta numa antropologia que separa radicalmente psiquismo e matéria, racional e biológico. O peso que se atribui a cada um desses elementos leva ao rigorismo ou à permissividade (AZPITARTE, 1991).

Portanto, toda tentativa de se aproximar do homem a partir de uma ótica dualista acha-se condenada ao fracasso, pelo perigo de cair em qualquer dos dois extremos. A eliminação do sentido psicológico e transcendente da matéria, ou o esquecimento da condição encarnada do espírito, dá ao ser humano caráter demasiado animal ou excessivamente angélico.

Não podemos negar que vivemos ainda sob o império de um dualismo, no entanto, este agora se centraliza mais na dimensão físico-corporal erótica, dissociando o sexo da sexualidade. (JUNGES, 1995).

Portanto, além do dualismo que precisa ser superado por uma antropologia unitária e integrada, também, vemos a urgência de situar a sexualidade num contexto mais amplo, que é o da relação intersubjetiva e não reduzi-la a uma simples vivência isolada de modo egocêntrico e narcísico.

Por sua vez, o cristianismo nos oferece também não só uma concepção de sexualidade, mas, principalmente um critério norteador que dá embasamento a uma visão relacional, pois “a sexualidade é uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano. Ela é parte integrante do desenvolvimento da personalidade e do seu processo educativo” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983).

A sexualidade é situada dentro de um contexto mais amplo, isto é, como “lugar” para uma verdadeira realização no amor. É o amor que humaniza a sexualidade e que deveria, portanto, levar à busca do prazer (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983).

No contexto pós-moderno percebemos a necessidade de uma educação para o amor, fonte integradora do humano que busca realização. Somente superando a mentalidade egoísta-narcísica

e vivenciando o amor e a sexualidade como experiência de abertura de si ao outro, é que podemos promover a integração da sexualidade na personalidade.

O ser humano não nasce pronto para amar. É convidado a se abrir e fazer desabrochar suas potencialidades ao longo de sua vida, integrando amor e sexualidade. Entre o amor e a sexualidade, há uma relação profunda, pois ambas são o “espaço” privilegiado para a comunicação e a abertura ao outro. (FROMM, 1964).

Amar está em íntima conexão com ser amado. Para amar precisamos aprender e educar o amor. Ela não se dá uma vez para sempre. O amor necessita, na pós-modernidade, ser continuamente purificado das tendências consumistas e descartáveis, pois, sendo, ele acaba confundido com a busca de um prazer que quer ser realizado de modo imediato sem uma verdadeira relação intersubjetiva. (AZPITARTE, 1991).

Conclusão

Não resta dúvida de que se faz necessária uma educação para um sentido pleno do amor e da sexualidade no contexto pós-moderno. Uma verdadeira desconstrução da mentalidade cultural é benéfica quando o que está em jogo é o humano. Torna-se fundamental resgatar uma visão integral e unitária de ser humano, evitando todo tipo de dualismo.

Só poderemos amar quando superarmos as fragmentações e unilateralismos e quando não perdermos a referência à transcendência que clama no interior de cada um de nós. O termômetro do amor não é o “eu” que é formado para exigir prazer imediatamente, mas o “outro” que se envolve com o “eu” e o chamando-o a se abrir. Neste sentido, uma vivência plena da sexualidade leva em conta a satisfação relacional que o outro sente. O ser humano pós-moderno necessita de um vínculo profundo com o outro para não ser, ele mesmo, a única medida do amor e da sexualidade.

O diálogo, a reciprocidade, a abertura são valores fundamentais que o homem pós-moderno necessita para sair de sua prisão interior. Nesse sentido, o corpo se configura com esses valores éticos quando internalizados com autonomia e discernimento, deixando de ser fragmentado. Enquanto o ser humano estiver fechado em si, a tirania do prazer o seduzirá a viver de modo desintegrado. Para além da tirania do prazer e do corpo fragmentado, o ser humano precisa construir sua identidade de forma autenticamente humana, em conformidade com a sua dignidade e, portanto, de acordo com o sentido mais profundo de sua existência.

Referências bibliográficas

- AZPITARTE, E. L. Discernimento, In: **Dicionário de Teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. **Ética sexual**. Masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1991. (Nova coleção ética).
- _____. **Ética da sexualidade e do matrimônio**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BELLOSO, J. M. R. Quem é capaz de discernir?, In: **Concilium** 139 (1978).
- BENETTI, S. **Sexualidade**. Como vivê-la de maneira criativa. São Paulo: Paulinas, 1996. (Adolescência e Juventude).
- CAVALCANTE, M. **O corpo essencial**. Trabalho corporal integrado para o desenvolvimento de uma nova consciência. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- COMPAGNONI, F. Corporeidade, In: **Dicionário de Teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1997. (Série Dicionários).
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Orientações educativas sobre o amor humano**. Linhas gerais para uma educação sexual, 1983.
- DACQUINO, G. **Viver o prazer**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FROMM, E. **A arte de amar**. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1964.
- JUNGES, José Roque. Ética sexual e novos padrões culturais. In: **Perspectiva Teológica** 71 (1995).
- MAY, R. H. **Discernimento moral**. Uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.
- MOSER, A. **O enigma da esfinge**. A sexualidade. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ORDUÑA, R. R.; AZPITARTE, E. L.; BASTERRA, F. J. E. **Práxis Cristã**. Moral Fundamental 1. São Paulo: Paulinas, 1983.
- PHILIPPE, M.-D. **O amor na visão filosófica, teológica e mística**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PLÉ, A. **Por dever ou por prazer**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RIBEIRO, Z. F. **A mulher e seu corpo**. Magistério eclesial e renovação da ética. Aparecida: Santuário, 1998.
- SIMON, R. A lei moral e o discernimento. In: **Concilium** 139 (1978).

VAZ, H. C. de L. **Antropologia Filosófica I**. 3^a ed. corrigida. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia – 15).